

GEOVANA DE ALMEIDA CAVALCANTE

"Ser mãe": escolha ou pressão?

Uma análise da maternidade retratada nos filmes: "Perfeita é a Mãe" e "Precisamos falar sobre Kevin".



A Maternidade nos Filmes

Mulheres que têm sua identidade apagada pela maternidade. Forte, não é mesmo? Mas essa é a realidade de muitas mulheres. Elas são ofuscadas pela enorme romantização do “ser mãe”, e até mesmo àquelas que não compartilham desse desejo, sofrem a pressão dessa exagerada idealização. E é com esse cenário que muitos filmes representam, ou tentam representar, a realidade do “ser mulher” e a maternidade: a exaustão, seus desafios e a conciliação com as demais áreas da vida.

A maternidade pode ser retratada de diversas formas nos filmes, mães solteiras, mães que amam seus filhos, mães por acaso e entre outras. Analisando o filme "Perfeita é a mãe", nós observamos três mães distintas, mas que têm o mesmo sentimento em comum: o cansaço. Ser mãe demanda muito esforço e se você não tiver o apoio e a ajuda necessária acaba por se tornar um papel extremamente exaustivo. Amy, Carla e Kiki são as mulheres da nossa história, mulheres cansadas de não serem valorizadas, seja pelos seus chefes ou maridos e a partir daí decidem que é hora de assumir que elas não são perfeitas e que podem se libertar das obrigações desde sempre atribuídas às mães.

"Perfeita é a mãe", longa escrito e dirigido pela dupla Jon Lucas e Scott Moore, trata com humor sobre os dilemas mais comuns do papel que a mulher exerce durante a maternidade. O filme é uma comédia e nos traz uma amostra superficial da pressão que grande parte das mães sofrem, o enredo gira em torno de três mães que tentam ser perfeitas em tudo por conta da pressão social. A raiva dos padrões estabelecidos pela Associação de Pais e Professores descrita no filme é o que incita as nossas protagonistas a mudarem de atitude.

Apesar desse filme trazer algumas problemáticas importantes sobre ser mãe e o empoderamento feminino, ele acaba perdendo-se em clichês onde tudo é trabalhado num modo escapista e sem aprofundamento, emoldurado por uma atmosfera que soa bastante artificial. Mas já era imaginado que um filme escrito por dois homens não iria conseguir se aprofundar na real temática de ser mãe e ser mulher.

Agora, ao compararmos essa comédia barata com o drama psicológico e trágico do filme "Precisamos falar sobre Kevin" temos outra perspectiva. Ele traz uma visão mais séria e conturbada sobre a dor feminina, o enredo nos conduz pelas memórias de Eva, a mãe de Kevin.

Esse filme traz um dos grandes dilemas da maternidade no mundo, o dilema da mulher ter que dividir sua vida em duas partes: a primeira antes de ser mãe e a segunda depois do parto. Essa segunda parte é retratada no filme como um fardo muito difícil de ser carregado pela nossa protagonista, aparentemente Eva encontra-se em uma profunda depressão pós-parto. Pelas suas memórias podemos ter uma análise sobre como o estado psicológico de uma mãe influencia na maternidade em si. Outro grande fato a se levantar nesse filme é o impacto da maternidade

compulsória, Eva não queria ter filhos, esse sonho era apenas de seu marido.

Além de tratar Eva como mãe de um assassino, mostra como ela teve sua individualidade apagada e toda a culpa do que seu filho fez caiu em suas costas, no final do filme está presente uma reflexão do impacto desse sentimento de rejeição que o Kevin sofria e como isso intensificou o transtorno dele.

A Eva do filme se enxerga apenas como a mãe de um assassino. Esse filme não é sobre Kevin diretamente, mas sim uma obra destinada sobre a mulher com seus próprios sofrimentos na atualidade. Precisamos falar sobre Kevin é um filme pesado, triste e tem muito a transmitir. Não é de fácil digestão igual à comédia “Perfeita é a mãe” retratada acima.

Analisando o papel representado pelas protagonistas dos dois filmes “Perfeita é a Mãe” e “Precisamos falar sobre Kevin”, Amy e Eva trazem diferentes problemáticas com diferentes abordagens. A dor e o cansaço de Amy não deve ser descredibilizada só pelo motivo de ser um filme de comédia, do mesmo jeito que Eva não é apenas a mãe de um assassino. Ambas são mulheres, com suas próprias vidas, dores e decepções.

A proposta do filme de Amy é ser um alívio cômico e mostrar uma visão de uma mãe com amigas, que bebe e que é feliz mesmo sem a presença de seus filhos. No filme a protagonista descreve que ama o seu “lado mãe” e que ama fazer seus filhos felizes e que realmente queria ser mãe, ela só não gosta da pressão que a sociedade impõe para ela ser perfeita.

Agora, quando observamos Eva só sentimos dor e culpa, o filme traça uma linha desde a concepção do filho até o dia em que ele, aos 15 anos, cometeu diversos assassinatos. Eva tem uma relação com a maternidade diferente da mãe do outro filme, ela nunca quis ter filhos e sente-se oprimida diante do desejo do marido. A dor que ela sente é tão intensa e palpável que nós como espectadores sentimos seu sofrimento, a culpa por ser mãe de um assassino a deixa em uma profunda confusão mental, ela tenta se autoanalisar para buscar explicações que justifiquem as atitudes de Kevin.

Com essas duas mães que exercem diferentemente o seu papel na maternidade, nós podemos realizar um único questionamento: qual é o peso que nós como sociedade colocamos nas costas das mães? Todos somos filhos de alguém e isso nos faz refletir sobre muitas questões ligadas à família e criação dos filhos, até

que ponto podemos apontar um dedo acusador na direção da mãe e quando isso está além dela.